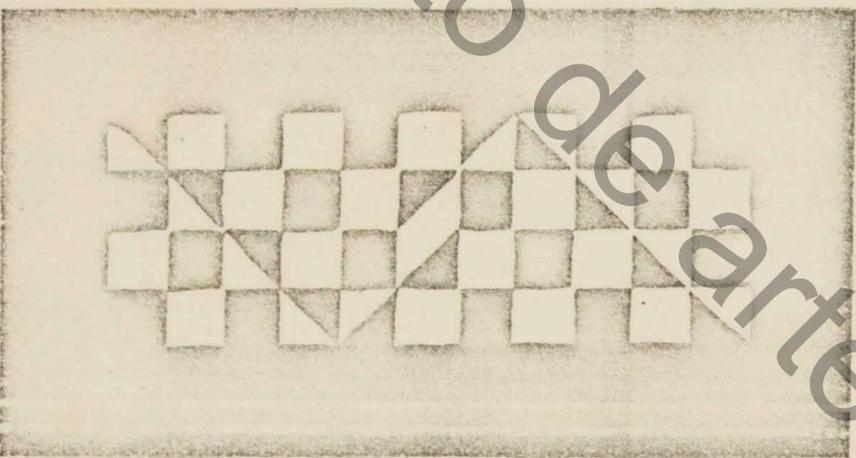




Hermelindo Fiaminghi, "Composição".

Alfredo Volpi, Óleo.



José Geraldo Vieira

Exposição Nacional de Arte Concreta

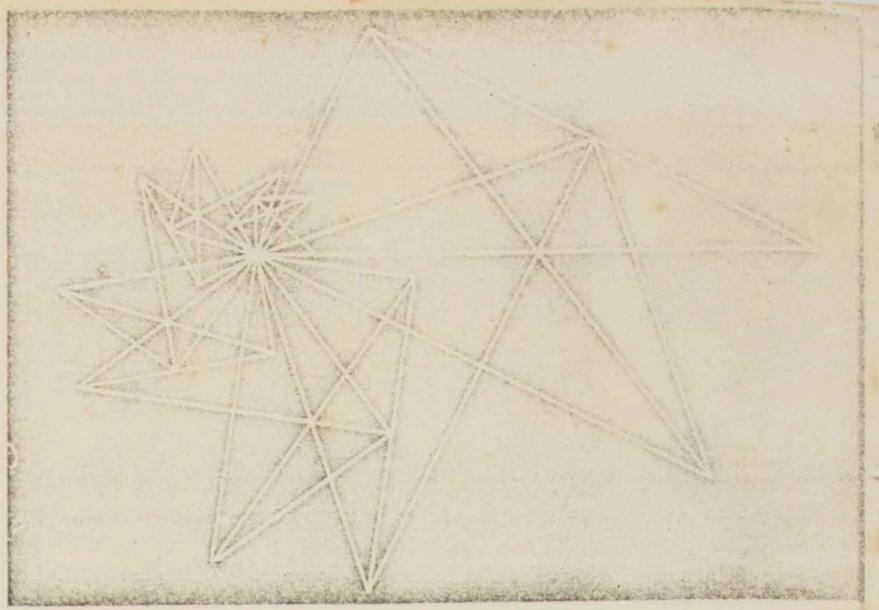
O conjunto exposto em dezembro no Museu de Arte Moderna de São Paulo sob a rubrica genérica (ou talvez particularista) de concretismo não apresenta uniformidade técnica nem sistematização ortodoxa. Isso inculca ou ser ampla a conceituação e o respectivo artesanato (portanto não apresentar fronteiras demasiado fechadas) ou haver ainda valores heterogêneos que da linha abstrata se infiltram no contraponto concretista. A parte mais restrita e, sem trocadilho, mais estrita nessa Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta é, sem dúvida, a escultura. Estavam anunciados trabalhos de Amílcar de Castro, Casimiro Fejer e Frans Joseph Weismann; apenas dois escultores remeteram peças. Os blocos maciços, rasos, de Casimiro Fejer, se indicam um rumo de pesquisas no tipo das realizações de Gabo e Pevsner, são novidade entre nós. Quanto a Frans Joseph Weismann é notório que se acha num desenvolvimento que já ultrapassou a disciplina e o geométrismo para se tornar uma fase construtiva excelente, espacial e dinâmica, de um ascetismo técnico. Weismann confere às suas peças aéreas, leves, disciplinas em, soluções geométricas, uma síntese de poema. Em pintura há que distinguir os artistas que ainda se podem incluir na Escola de Paris, entre Sonia Delaunay, o velho Herbin e Dewasne. Como é o caso de Rubem Ludolf, dos irmãos Oiticica e de Judith Lauland; esta artista apresenta um *tableau-objet*, na feição domeliana, e telas de desenvoltura linear e rítmica. O fato de comparem segundo normas abstracionistas (isto é de ainda usarem telas, pincéis, gamas e tonalidades) não

lhes invalida a concepção concretista. Decio Vieira e João S. Costa, por exemplo, sabem deter-se na matéria, nas gamas até dos brancos; não se despersonalizam tanto assim a ponto de só usar cores concretas, puras, e suportes de madeira e utensílios como *silk-screen*, etc.

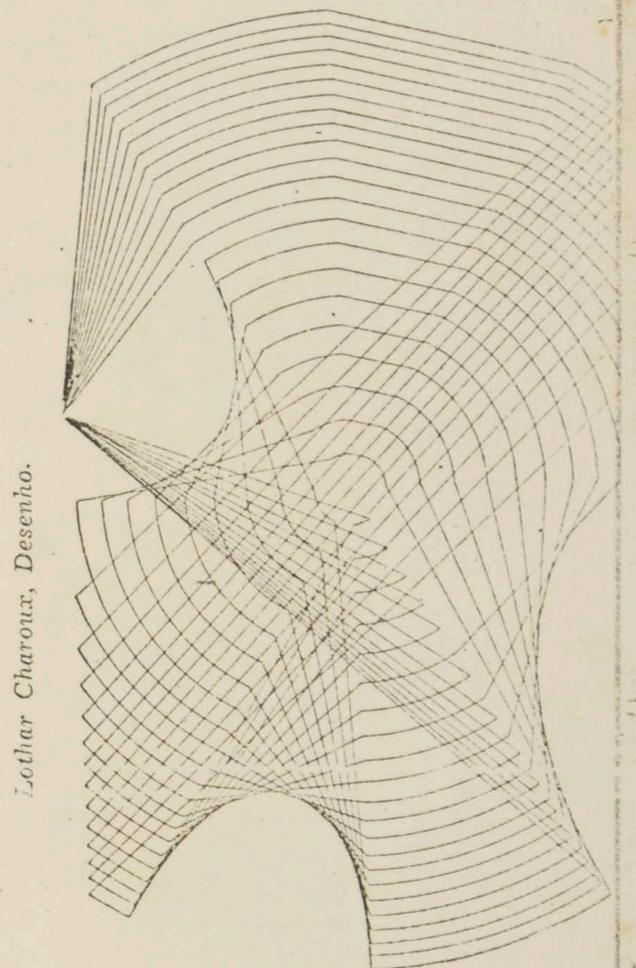
Observando-se a série de Luís Sacilotto, se conclui que aquilo a que Volpi chegou por intuição e disciplina artesanal, Sacilotto conseguiu pelo critério experimental, como bom aluno avançado dos laboratórios de Sophie Taeuber-Arp; vemos também em seus triângulos e losangos deiscetes, de esplêndido efeito, um rumo já trilhado por Lenormand e Enard. Outro artista que se acha em fase de grande desenvolvimento, quanto à metamorfose concêntrica, paralelamente aos rumos das "fontes irisadas" de Idoux, é Hermelindo Fiaminghi. Sua pintura, que analogicamente sugere ao visitante anódino imagens de diafragmas e lentes dióptricas, é de grande valor artesanal e estético.

Lygia Clark não mandou trabalhos que indiquem sua merecida hegemonia nos grupos do Rio dentro da ala concretista. O mesmo se dá com Geraldo de Barros, um dos pioneiros entre nós do movimento; mandou trabalhos de fases já conhecidas e, aliás, boas. Waldemar Cordeiro apresenta, além do mais, sua melhor peça, *Idéia Visível*, trabalho típico como ideograma de linha-relêvo-movimento.

Entre os gráficos distinguem-se Lygia Pappe, com suas pesquisas de matéria e suporte; Lothar Charoux, com sua desenvoltura li-



Maurício Nogueira Lima, Desenho.



Lothar Charoux, Desenho.

near muito pessoal, em fundos negros. Em Maurício Nogueira Lima destaca-se em fundo noturno e misterioso o *Triângulo-espiral*, de composição e fatura excelente, onde o olho crítico descobre uma série de retângulos também. O efeito é de galaxia rodando, mas o ritmo e centrífugo.

Não obstante a diversidade de maneiras, há que admitir certas características que definem a exposição em dois grupos: a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Há as características afins, genéricas, quanto a suporte, emprego de pintura a Duro ou a pistola, abandono da tela pela madeira, abandono do pincel pelo episódio, da vibração, persistindo mais os problemas de espaço sem perspectiva, etc. Há que assinalar que o grupo concretista é, além de sua disciplina pictórica, um grupo cultural; tem consciência do que faz está saindo do marginalismo. A crítica e os visitantes eventuais ainda recentemente consideravam fantasias exóticas em torno de teoremas geométricos essas elocubrações aparecidas aqui coletivamente pela primeira vez na I Bienal de São Paulo no setor suíço. Hoje os elementos nacionais já constituem um conjunto denso, tendo pioneiros e adeptos, doutrinas próprias, mérito intrínseco e obrigando também a existir uma nova crítica. Se predomina certo construtivismo além de meros arranjos geométricos e cromáticos, esse ritmo de conteúdos-produto apresenta finalidade e propugna uma síntese quase idiogramática. Por isso parecerá ainda pesquisa de laboratório, e não material para exposições museológicas. A nosso ver, porém, é as duas coisas; experiência e criação.